

18º Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)  
Grupo de Trabalho 17: Sociologia da Arte

**SALAS, QUARTOS E QUINTAIS:** consumo cultural e produção autoral de  
bandas roqueiras na periferia de Fortaleza

MARIA APARECIDA DOS SANTOS  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia –  
PPGS/Universidade Federal do Ceará - UFC

## **SALAS, QUARTOS E QUINTAIS:** consumo cultural e produção autoral de bandas roqueiras na periferia de Fortaleza

### **RESUMO**

A produção embrionária de uma “rede roqueira” na Serrinha em Fortaleza remonta à formação da primeira banda de rock formada de forma espontânea e improvisada, a “Calamidade Pública”, banda cover da Legião Urbana que em parceria com outras bandas cover locais, criaram o “Movimento Articular”, aglutinador de jovens roqueiros que trocavam informações sobre bandas do cenário nacional e internacional, materiais como fitas K7 e LP’s, promoviam festas domésticas e uma feijoada anual de congregação dos roqueiros locais no prédio do Conselho Comunitário do bairro. Devido à necessidade de estreitar os laços com bandas de outros bairros, em 2003 foi criado o “Festival Ensaio Rock”. As bandas desde então, vêm primando pelo trabalho autoral, embora poucas tenham gravado profissionalmente, pois salientam o alto custo do trabalho dos estúdios. Não há espaços adequados para os ensaios, dispõem de poucos equipamentos e muitos membros das bandas trabalham e estudam, dispendo de pouco tempo para a composição, ensaio e exposição de seu trabalho autoral. Ainda assim, têm apresentado um repertório e desempenho considerados pelos seus pares de razoável qualidade, mobilizando novos adeptos e admiradores. Há, portanto, alternância entre o trabalho autoral e cover de bandas e ídolos do rock, o que denota tanto o aprendizado de um estilo, a adesão a uma influência musical, quanto a autonomia criativa, ou seja, a elaboração de um material próprio de expressão.

**Palavras-chave:** rock, juventude, música

Nas últimas duas décadas, coletivos culturais e movimentos sociais de juventude da Serrinha em Fortaleza têm se apropriado territorialmente da Praça da Cruz Grande, como forma de engendrar sua “ocupação” e construir aí, um espaço de sociabilidade, expressividade artística e circulação de jovens. Desde meados da década de 1990, agrupamentos organizados artesanalmente, formam bandas de rock, promovem festivais, saraus, “quadras do funk”, “radiola” do reggae<sup>1</sup>, rodas de break e feiras musicais. Com uma histórica programação cultural, a Praça é ponto de encontro de diversas “tribos” de jovens do bairro e de outras localidades da periferia de Fortaleza. A recriação do espaço público da Praça como espaço aberto para novas práticas urbanas engendrou certa visibilidade para esses grupos juvenis, o que potencializou uma “produção própria de signos” (CALDEIRA, 2012, p. 39) e certa capacidade de construir um circuito próprio de circulação, de trocas de experiências, contatos múltiplos e de organização de narrativas sobre o bairro.

Ainda que haja momentos de refluxo, de latência da mobilização juvenil na Serrinha, marcando um processo de descontinuidade ou enfraquecimento das experiências organizativas, muitos são os momentos de efervescência político-cultural, o que supõe fragilidade da consolidação de redes conectivas para a ação no espaço da Praça e ao mesmo tempo, certa vitalidade de um projeto coletivo cultural. E o rock é apontado como força galvanizadora das forças atuantes no bairro.

Após a reforma da Praça da Cruz Grande em 2012, o Festival Ensaio Rock passou a ser realizado no seu anfiteatro, o que redundou em maior visibilidade e na ampliação do intercâmbio com outros bairros. Também se transformou em “movimento cultural e político” organizado pela “Caravana da Periferia<sup>2</sup>”, no Ceará, tendo como eixo importante do “trabalho político”, a

---

<sup>1</sup> A “radiola” do reggae acontece todas as sextas-feiras das 19 à meia noite, promovida por populares não envolvidos com os movimentos sociais locais. Congrega em média 500 jovens por noite na Praça da Cruz Grande e consiste na montagem de uma aparelhagem de som no Anfiteatro da Praça e a condução por um DJ (Disc-Jóquei).

<sup>2</sup> A Caravana da periferia é uma frente que articula redes de diversos movimentos sociais, partidos políticos, ativismos e coletivos, com a intenção de mobilizar a cidade com o objetivo de discutir a violência e criminalização das juventudes negras e pobres. A sua principal tática organizativa é o núcleo por bairro, visando as especificidades locais da ação do Estado e as demandas por políticas públicas de um modo geral. Em Fortaleza, foi criada desde meados de 2011 e contou com núcleos nos bairros da Serrinha, Barroso e Parque Água Fria. Hoje está

organização de saraus e festivais do Movimento Ensaio Rock, nos sábados à noite, o que ensejou uma ritualização cíclica de eventos e a elaboração de performances cada vez mais expressivas e organizadas nas apresentações das bandas de rock e dos artistas presentes no palco da Praça, trabalhando vários meios de comunicação durante o evento, com traços padronizados de dança e expressão vocal e outros mais imprevisíveis durante a recepção das apresentações das bandas pela audiência. A praça se transformou então, em um marco territorial, ocupada para fixar cerimonialmente, para o grupo roqueiro, o seu lugar de consagração. O que era então apenas um coletivo cultural, promovendo uma cena roqueira na Praça, se transforma em movimento político de “resistência juvenil” e “produção de uma localidade” (COSTA, 2006, p. 11).

Antes o Ensaio Rock acontecia em um local aqui perto, conhecido como capelinha que era o Conselho comunitário do bairro, até que viemos ocupar a Praça da Cruz Grande. Além do ensaio, temos um sarau que acontece todo final de mês, com espaço aberto para todos os estilos musicais, citação de poesias, tem a participação da criançada e uma mobilização grande do bairro. (integrante do Movimento Ensaio Rock)<sup>3</sup>

O evento anual se confirmou como atividade importante no calendário roqueiro das periferias de Fortaleza, evidenciado pelo crescimento de bandas participantes, do público espectador e do número de edições de festivais de rock realizados. Além de certa projeção na mídia local e a aproximação com diversos coletivos culturais e movimentos sociais periféricos, bandas de variados estilos (pop, punk, metal, grunge, indie, progressivo, hard rock), oriundas de diversos bairros se encontram três vezes por ano para a confraternização das periferias e para divulgação de trabalho autoral e apresentação de covers de bandas nacionais e internacionais, buscando uma certa “produção colaborativa em rede” (HIKIJÍ; CAFFÉ, 2013, p. 92). Algumas bandas que já se apresentaram nos festivais do Movimento Ensaio Rock são a Cascabula, Theoria, Reticência, Cerveza, Peste HC, Rock 14, Os malditos

---

desarticulada, mas já teve entre seus componentes o MTST, o Movimento Ensaio Rock, o RUA (Juventude Anticapitalista) e a Unidade Classista)

<sup>3</sup> Depoimento dado à jornalista Sheyla Castelo Branco em dezembro de 2015. Disponível em <http://www.somosvos.com.br/playground-aproveitando-a-serrinha/>

Remanis, The people zone, Joe, D Rudes, In the Dark, Black Elephant, Lavage, Murders, Jujuba e os insetos, Espalhadrapus, D'Rudes (alternativo) Orgasmo Suicida.

Na periferia, o rock vem cada vez mais se afirmando como instrumento de mobilização da juventude. Para além de um gênero musical o rock vem gestando ações, iniciativas, comportamentos, rebeldias, estéticas, modos de pensar e movimentos. Conhecer e divulgar esse rico processo cultural é não somente divulgar um 'som', mas um grito que estremece de forma positiva a vida da juventude dos bairros pobres de Fortaleza. (integrante do Movimento Cultural Ensaio Rock).

Muitas dessas bandas são formadas por adolescentes e jovens entre 14 e 29 anos, oriundos de diversos bairros da periferia de Fortaleza como Barroso, Planalto Pici, Planalto Ayrton Senna, Parque Água Fria, Demócrito Rocha, Antônio Bezerra, Vila Velha, Bom Sucesso, Conjunto Alvorada e Dendê, José Walter, Bom Jardim, João XIII, Henrique Jorge e Canindezinho. Os jovens membros das bandas têm grandes dificuldades de comprar instrumentos e mantê-los funcionando a contento. Por vezes, são obrigados a vendê-los para ajudar no orçamento doméstico, o que sempre consideram fonte de frustração. Também reclamam da falta de espaço para ensaios e apresentação e da falta de recursos financeiros para incremento das bandas e para lazeres de uma forma geral. Os ensaios são sempre realizados em quintais ou espaços exíguos como quartos e salas de algum domicílio dos jovens dos agrupamentos roqueiros.

---

Figura 01: 10ª. edição do Festival do Movimento Cultural Ensaio Rock, outubro de 2014. Foto do acervo pessoal.

---



Nas sextas à noite na “Praça da Rotatória” da Universidade Estadual do Ceará (UECE), próxima à Praça da Cruz Grande na Serrinha há o sorteio das bandas que irão se apresentar em cada edição do festival do Movimento Ensaio Rock e o planejamento dos saraus e demais atividades culturais promovidas pelo Movimento. Só participam do sorteio, as bandas presentes à reunião. No entanto, tem-se o cuidado de não contemplar seguidamente as mesmas bandas, a fim de dar espaço para a variedade de estilos nos festivais. De acordo com o planejamento do “Movimento Ensaio Rock”, são produzidos a cada três saraus, um Festival Ensaio Rock, em razão de dificuldades financeiras e organizacionais para a realização dos eventos. Nos saraus promovidos mensalmente, há apresentações musicais, recital de poemas (balde literário), exposição de escritos literários (varal poético), jograis, performances e peças teatrais.

Todas as apresentações são espontâneas, pois não há uma programação a ser seguida. O evento é divulgado pelas redes sociais antecipadamente e os convidados são instados a levarem seus materiais e talentos. Os saraus acontecem aos sábados das 19 às 22 horas e contam com a participação de frequentadores assíduos, um público que constitui uma rede de amizade dos movimentos sociais de juventude e dos achegados à Praça. Geralmente, são tocadas músicas da MPB (Música Popular Brasileira), reggae e baião. Os poemas são geralmente de autoria própria dos que se apresentam, mas há também, a recitação de poesias de autores consagrados como Patativa do Assaré, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes. Também são lidas passagens de livros de Paulo Freire, Eduardo Galeano ou Marx, por exemplo. O público é reduzido e diferenciado em relação aos festivais de rock. Cada evento reúne em média 50 pessoas e é considerado mais intimista do que a reunião de adolescentes do Ensaio Rock.

Para a consecução dos festivais de rock, há contribuição em dinheiro de cada banda para o pagamento do aluguel da bateria e do som utilizados nos eventos. As bandas sorteadas devem estar presentes na reunião marcada para organização do Festival Ensaio Rock. Uma prestação de contas é realizada, a partir do que fora arrecadado em uma barraquinha denominada “Larica’s Bar”, com a venda de caipirinha e cachorros quentes nos dias dos eventos.

Cinquenta reais é a quantia desembolsada pelas bandas para o aluguel do equipamento de som e bateria utilizados nas edições dos festivais do Movimento Ensaio Rock. O aluguel apenas do corpo da bateria, com dois tons e um bumbo sai em torno de quinhentos reais. Esse valor deve ser rateado entre as cinco ou seis bandas que se apresentam em cada edição do Ensaio Rock. O Movimento Ensaio Rock nem sempre consegue arcar financeiramente com o aluguel dos equipamentos de som necessários para a realização dos festivais, o que já comprometeu a regularidade dos mesmos e causou prejuízos financeiros às bandas participantes, com o endividamento a prazo dos seus integrantes. Nas três primeiras edições, comerciantes locais contribuíam com doações em dinheiro, em troca de exposição de suas logomarcas no momento de divulgação do evento, mas, alegando dificuldades financeiras, deixaram de apoiar monetariamente o festival.

Sem apoios financeiros institucionais, esses segmentos de juventude do bairro da Serrinha constroem cotidianamente, de forma renitente, uma espacialização da sua expressão cultural criativa, ensaiando no espaço doméstico, utilizando iphones para gravação de vídeos com suas performances e postando materiais nas redes sociais como Facebook e Youtube, como ensaios de repertório cover, a presença em eventos roqueiros e a fotos da composição das bandas.

Cada banda traz seus instrumentos de corda e também “seguidores” fiéis (admiradores do trabalho e possíveis integrantes das bandas), amigos, familiares e namoradas e muitas vezes, pais e mães estão presentes, prestigiando a apresentação dos filhos. O Festival atrai não só os aficionados pelo rock, mas, a população moradora do entorno da Praça, principalmente crianças e adolescentes, sem alternativa de lazer no bairro<sup>4</sup>. A Praça é assim “polo de unificação” (PAIS, 2006), não só das juventudes, mas, ponto de convergência dos habitantes do lugar.

Os vários estilos de rock convergem e as indumentárias marcam a distinção entre as várias “tribos” (metaleiros, punks, alternativos). Jovens com tatuagens, piercings, cabelos multicoloridos, com corte em forma de “moicano”, com “make up” extravagante, jeans, tênis all star ou botas de cano alto,

---

<sup>4</sup> Os demais espaços públicos na Serrinha como praças e campos de futebol estão bastante degradados fisicamente, o que inviabiliza a utilização pelo público infanto-juvenil.

camisetas com estampas das bandas favoritas, quase sempre vestidos de preto, copo de vinho barato nas mãos, um cigarro ou dedilhando uma guitarra, compõem o cenário das noites de sábado na Praça da Cruz Grande. Como diz PAIS,

a estetização do corpo arrasta uma expressividade que é fonte de reconhecimento e integração grupal. A aparência é causa e efeito de uma intensificação da atividade comunicacional, e dela se revelam territórios de pertença, estéticas inclusivas ou exclusivas (PAIS, 2006, p. 37).

Nesse sentido, o festival Ensaio Rock se configura como importante “vitrine” para a demonstração dos talentos periféricos, “palco de sociabilidades mais achegadas” (PAIS, 2006, p. 36) e de “ponte” para a presença em outros festivais do mesmo gênero, como os promovidos pelo MIRC (Movimento Independente de Rock e Cultura)<sup>5</sup>, cenário do rock alternativo de periferia, criado em 2006 e localizado no Conjunto Esperança, ou nos eventos ocasionais em espaços considerados “marginais”, tendo em vista, a produção cultural da cidade, como bares, praças e centros culturais de vários bairros periféricos.

Vale ressaltar a falta de retorno financeiro e a batalha diária pela manutenção das condições precárias de lazer e de circulação. As bandas do Movimento Ensaio Rock andam em bandos e vão de caravana até os locais de interesse recreativo para todos. São “identificações territoriais, visuais e musicais, sem as quais não lhes seria possível a afirmação simbólica de uma almejada distintividade” (PAIS, 2006, p. 31). Em muitos festivais do Ensaio Rock, há “olheiros” das apresentações das bandas, no intuito de convidá-las para apresentação em outros espaços. Mas poucas bandas que já tocaram no Ensaio Rock participaram de festivais institucionais existentes pela cidade,

---

<sup>5</sup> “O MIRC é um movimento composto de pessoas que opinam e decidem os rumos de suas atividades produzindo ações e eventos que reproduzem o desejo de vários bairros de Fortaleza através de sua atuação na música, mais especificamente no rock e nas suas vertentes, proporcionando até hoje mais de 40 eventos com mais de 300 apresentações realizadas de forma independente e democrática, reafirmando constantemente os princípios da inclusão social, democracia e estímulo a participação. Tem como principal objetivo atuar e envolver através de várias formas de participação popular os mais diversos segmentos do mundo do rock e de suas vertentes com ações formativas e de entretenimento proporcionando lazer, qualificação e socialização para jovens de vários bairros de fortaleza.” (Reproduzido de <http://projetomirc.blogspot.com.br>)



exceto a “Lavage” (Punk Rock/Indie) e “Black Elephant” (Metal Core)<sup>6</sup>, consideradas mais profissionais.

Figura 02: Cartaz virtual de divulgação no Facebook da 10ª. edição do Festival Ensaio Rock. Outubro de 2015.



As bandas vêm primando pelo trabalho autoral, gravando CD's demo<sup>7</sup>, embora poucas tenham gravado profissionalmente, pois salientam o alto custo do trabalho dos estúdios. Não há espaços adequados para os ensaios, dispõem de poucos equipamentos e muitos membros das bandas trabalham (a maioria, informalmente) e estudam, dispendo de pouco tempo para a composição, ensaio e exposição de seu trabalho autoral. Ainda assim, as bandas têm apresentado um repertório e desempenho considerados pelos seus pares de razoável qualidade, mobilizando novos adeptos e admiradores. Há, portanto, alternância entre o trabalho autoral e o cover de bandas e ídolos do rock como AC/DC, Ozzy Osbourne, Janis Joplin, Led Zeppelin, Iron Maiden, Aerosmith, System of a Down, Pink Floyd e Nirvana, o que denota tanto o aprendizado de um estilo, a adesão a uma influência musical, quanto a autonomia criativa, ou seja, a elaboração de um material próprio de expressão.

<sup>6</sup> Essas bandas já tocaram no ForCaos, no Casarão do Benfica e em eventos patrocinados pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, SESC e Instituto Dragão do Mar, como o “Bom de Arte”. Há também o “Projeto Circuladô”, um coletivo cultural com o objetivo de movimentar a cena autoral cearense do rock e descentralizar os espaços culturais (apresentação nas praças da juventude e anfiteatros nos bairros da periferia). Fonte: páginas das bandas no Facebook.

<sup>7</sup> É uma gravação musical demonstrativa e amadora.

Figura 03: Banda Espalhadrapus no 10º. Festival Ensaio Rock na Praça da Cruz Grande – Serrinha. Outubro de 2015. Foto do acervo pessoal.



Muitos dos jovens roqueiros participantes dos festivais do Movimento Ensaio Rock já foram membros de várias formações de banda, experimentando vários arranjos com vocalistas e instrumentistas, até a composição considerada ideal, o que não significa estabilidade da permanência, pois as trocas e saídas são constantes, com variadas motivações e consequências. As inúmeras denominações denunciam também, a fragilidade financeira e as dificuldades de apresentações em outros espaços roqueiros, o que inviabiliza muitas vezes, a evolução de suas linguagens musicais. “As identificações são contingentes e esquivas nos seus processos de reconhecimento, pois combinam uniformização e diferenciação, convergência e dissidência” (PAIS, 2006, p. 38).

Além dos ensaios e das apresentações, as “galeras” das bandas roqueiras se encontram ritualmente para a prática do skate, “bater um racha” (futebol), beber (sempre após as 21 horas até “altas horas” da madrugada), “ouvir um som” e desfrutar dos possíveis lazeres oferecidos às juventudes na Serrinha (na própria Praça, em um banco denominado “do rock” e nas calouradas da UECE) e espaços mais distantes onde acontecem cover de suas bandas preferidas. As dificuldades de deslocamento (não há transporte disponível para o retorno ao bairro no horário de término do evento após a meia noite), de despender recursos no consumo de ingressos e bebidas e a

própria violência urbana, limitam a circulação e a inscrição em outros circuitos de lazer pela cidade, empobrecendo a experiência urbana desses jovens que pouco ultrapassam o confinamento do bairro, mesmo sendo a Serrinha, bem localizada em relação aos terminais de ônibus e alternativas de lazer da cidade. Assim é que a invenção do lazer barato e congregador se revela a forma mais viável e produtiva de passar o tempo e trocar experiências.

Figura 04: Banda Democracia Rudes. Postada na página da banda no Facebook em 04 de março de 2014. Ensaio e gravação de clipe.



Regularmente, “marcam presença” na Praça e muitas vezes, relatam que são alvos de “baculejos”<sup>8</sup> e recentemente, prisão arbitrária (sem fundamentação legal) quando em uma madrugada bebendo e ouvindo som, foram abordados pelo Ronda do Quarteirão e levados à delegacia mais próxima. Foram liberados horas depois, mas, o evento, produziu denúncia nas redes sociais e indignação das lideranças e seguidores do Movimento. Houve também ameaça de acionamento da polícia militar pela Secretaria Regional IV, em razão de não ter havido solicitação para a realização da última edição do Festival Ensaio Rock, já que houve choque com um evento promovido pela

<sup>8</sup> Revista policial vexatória e por vezes, violenta.

Prefeitura Municipal de Fortaleza, na mesma data e horário.

Além das barreiras simbólicas e materiais às locomoções cotidianas, tem-se também, variadas formas de controle social na organização das rotinas dos jovens: proibição de circulação e permanência, em diversos locais e horários específicos, bem como a regulação de comportamentos e indumentárias considerados aceitáveis. Ultimamente, essas estratégias de controle social do espaço da Praça têm sido colocadas em prática pela Polícia Militar presente no bairro, como forma de coibir a presença de sujeitos indesejados (os maconheiros) e restaurar o silêncio depois das 22 horas, mesmo nas sextas e sábados. A “Radiola do Reggae” foi alvo de seguidos embargos de suas festas, deixando indignados jovens da Serrinha que lamentaram nas redes sociais, a repressão sobre a festa que já se tornara tradicional na Praça.

Mesmo com cerceamento das atividades, a população jovem frequentadora da Praça, tem como um dos traços mais marcantes a perceptível vinculação entre seus pares, notadamente os que participam do Movimento Ensaio Rock. Em conversas informais, sobram relatos do apego emocional ao bairro e à Praça. E embora muitos jovens, afirmam categoricamente que a Serrinha é o melhor lugar para viver. Negam a existência de uma violência ostensiva tão difundida no imaginário social, garantem que circulam e conhecem palmo a palmo o bairro e não almejam mudança para outra localidade. Talvez a adversidade econômica tenha aproximado as bandas e tornado o diálogo mais produtivo, já que há um esforço persistente de manutenção não só dos laços, mas da história do rock na Serrinha e nos bairros periféricos, que marca uma afirmação identitária através da convivência e dos vínculos de sociabilidade. A troca de informações via rede social, agiliza os contatos e estabelece marcos para a consolidação de um espaço demonstrativo da “arte periférica”, fortalecendo uma “acumulação primitiva de capital simbólico” (RIBEIRO, 2006, p. 40), o que demarca a Serrinha como território de resistência simbólica da periferia e referência para roqueiros de outros bairros. A existência de um espaço público como a Praça da Cruz Grande, facilita o reconhecimento do bairro como polo galvanizador de diversos movimentos e coletivos microscópicos pela cidade.

Há grande dificuldade de colocar em pauta o debate político que os militantes do Movimento Ensaio Rock propõem para os membros das bandas, participantes da rede roqueira. Entre uma apresentação e outra nos festivais, há falas denunciadoras do extermínio das juventudes das periferias, da falta de acesso às Universidades públicas, das dificuldades de garantia de equipamentos de lazer para as comunidades periféricas, o que repercute pouco, já que o público presente está ali para buscar entretenimento e lazer. Enquanto as mesmas lideranças reiteram os discursos mais politizados (principalmente, as da primeira geração de roqueiros e militância mais efetiva de diversos movimentos sociais), os mais jovens conversam, bebem, comem e sempre são meros expectadores dessas falas. Ainda assim, as lideranças do Movimento Ensaio Rock, avaliam que mesmo tendo um traço mais “culturalista”, o rock pode deflagrar uma “consciência” sobre a realidade dos jovens da periferia e quem sabe, atrair futuramente mais adeptos para a ação política. Acreditam que o rock convoca “naturalmente” à rebeldia e que o fortalecimento do Movimento, poderá agenciar ações políticas significativas para as juventudes na Serrinha.

Em contextos tradicionais, o “ciclo da vida” carrega fortes conotações de renovação, pois cada geração em grande parte redescobre e revive modos de vida de seus predecessores. A renovação perde muito de seu significado nas situações da alta modernidade onde as práticas são repetidas apenas se forem reflexivamente justificáveis. (GIDDENS, 2002, p. 137)

O segmento mais politizado do Movimento Cultural e Político Ensaio Rock (aqueles que estão na vanguarda das ações) repudia a apatia dos mais jovens e se cerca mais intimamente daqueles que são mais próximos das posições anticapitalistas e se engajam em vários movimentos sociais, como o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), movimento feminista, movimento negro e sindical. As trajetórias são heterogêneas e o tempo de vida conta muito quando se trata de partilhar experiências que ainda não acumulam sentido. Talvez com a continuidade das trocas entre as gerações, haja o casamento entre a vivência lúdica e a atuação pública na Serrinha.

A primeira geração de roqueiros (faixa etária de 30 a 45 anos)

pertenceu ao Movimento Articulart (meados dos anos 1990 a 2006) e ainda acompanha e apoia sobremaneira as ações dos agentes atuais. São preocupados com o futuro do Movimento e acreditam ser responsáveis pela condução política da organização das atividades. Não se apresentam mais nos festivais, mas, estão presentes nos momentos de articulação e durante os eventos. Além das bandas, trabalharam ou mantiveram estúdios de ensaio e gravação na Serrinha e muitos ainda disponibilizam ou alugam seus equipamentos para as gerações mais novas. São os que tentam a todo custo mitigar a perda de continuidade histórica do Movimento, tentando fomentar um sentimento de pertencimento para as novas gerações para que não se perca um passado e se projete um futuro consistente para a cena roqueira na Serrinha.

A segunda geração (20 a 30 anos) participou das primeiras edições do Festival Ensaio Rock e fundou o “Movimento” (2004 até os dias de hoje), continuando a tarefa da geração anterior de alavancar a cena roqueira na periferia. Está na vanguarda de todas as atividades e representa o Movimento nos deslocamentos pela cidade. É a geração comprometida com a articulação política e artística dos eventos, mas, dentre eles, há os mais engajados e os que apenas se comprometem com as apresentações musicais. E a terceira geração é de jovens adolescentes, seguidores do Movimento e participantes dos festivais, como espectadores e iniciados nas bandas de rock (12 a 20 anos). São aqueles que estão se achegando para desfrutar das atividades de entretenimento e lazer, ou seja, estão experimentando a amizade e a influência musical recebida do grupo a qual pertencem.

O “Movimento” está presente em várias lutas sociais espalhadas pela cidade, principalmente, aquelas relacionadas às pautas das juventudes da periferia, como a criminalização, extermínio e segregação. Ou seja, é um combate dentro do campo das ideias em que os elementos intelectual e organizativo estão presentes de forma incisiva. O Movimento não só “marca presença”, como é convidado como representante dos movimentos sociais da Serrinha, como porta voz das juventudes nos diversos fóruns de discussão pela cidade.

O Ensaio Rock é um movimento cultural e político. Fazemos rodas de conversa, nos preocupamos com as bandas do cenário alternativo, temos o Larica's Bar, que é uma forma de arrecadar uma renda para o movimento que é da periferia e tem legitimidade para atuar no bairro. Nós temos causas, lutamos pela nossa juventude e temos um lado, existe uma disputa de narrativas que é óbvia na nossa cidade e o que nós queremos é mostrar para essa galera daqui da Serrinha e de outros bairros que existem outras possibilidades, inclusive na música. (integrante do Movimento Ensaio Rock)<sup>9</sup>

O Movimento Ensaio Rock protagonizou a organização da Ocupação da Escola de Ensino Fundamental e Médio Jáder Moreira de Carvalho (tendo em vista que muitos são estudantes de ensino médio da escola), em apoio à greve deflagrada pelos professores da Rede Estadual de Educação em maio de 2016, promovendo e participando de rodas de conversa e saraus<sup>10</sup>, da limpeza da escola, pintura e ornamentação do espaço com cartazes, faixas, grafites (stêncil), da cozinha e mesmo da segurança. Várias atividades ocorreram em mais de um mês de ocupação (iniciada no dia 05 de maio de 2016), inclusive, debates sobre as relações de gênero (“Café com feminismo”), oficinas educativas/artísticas, “cine-debates”, luaus em frente à escola (calçada) e muitas outras atividades diárias. Houve grande participação de moradores da Serrinha na doação de alimentos, materiais de limpeza e higiene e uma intensa articulação com as outras ocupações de escolas pela cidade, o que redundou no Sarau das Ocupações, realizado na Praça da Cruz Grande, comemorando o aniversário mensal. A participação nessa ação teve desdobramentos relevantes quanto à aglutinação de outros jovens para as ações planejadas para o futuro.

Também estive envolvido com a reivindicação de reativação do chafariz da Favela da Rampa no mesmo período e à homenagem ao rapper Criolo com a entrega de título de cidadão fortalezense, no CUCA Jangurussu, promovida pelo mandato “Ecos da Cidade”, do vereador João Alfredo do PSOL. Recentemente, participou de lançamento da Frente Povo Sem Medo no SINDIFORT (Sindicato dos Servidores e Empregados Públicos do Município de

---

<sup>9</sup> Depoimento dado à jornalista Sheyla Castelo Branco em dezembro de 2015. Disponível em <http://www.somosvos.com.br/playground-aproveitando-a-serrinha/>

<sup>10</sup> Ainda participou ativamente do “Sarau Viva a Palavra” na Lagoa da Itaperaoba com o intuito de arrecadar alimentos e materiais de limpeza para a ocupação da Escola Jáder Moreira de Carvalho na Serrinha.

Fortaleza) e da Marcha do MTST no dia 1º. de junho de 2016<sup>11</sup>, partindo da Praça Coração de Jesus no Centro de Fortaleza em direção ao Palácio da Abolição, a fim de negociar com o governo estadual (Camilo Santana do PT), moradias populares. Está presente nas ocupações organizadas pelo MTST, “Bandeira Vermelha” (Maracanaú), “Copa do Povo” (Messejana) e “Povo sem medo” (Bom Jardim) e vem participando ativamente como representante da Serrinha em vários fóruns de discussão na seara dos direitos humanos, como no curso recente do CEDECA<sup>12</sup> (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente) sobre defensores humanos e dos cursos dos CUCA’s sobre socioeducação, o que os vincula diretamente a esse universo de salvaguarda dos direitos da população infanto-juvenil e revela uma militância ocupante desse campo da garantia de direitos constitucionais e de políticas públicas básicas para as periferias.

O Movimento Ensaio Rock tece críticas reiteradas às associações comunitárias tradicionais do bairro, tendo em vista suas relações clientelistas com políticos considerados de “direita”, contudo, apoiam o ressurgimento da ação comunitária do bairro, participando da última eleição da AMORBASE (Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha), como diretores da nova gestão, ainda que considerem a sua organização frágil e de pouco alcance reivindicativo. A entidade foi criada em 1981, com o fito de demandar melhorias para o bairro e tenta traçar novas formas de ação com a presença de lideranças jovens e mais antigas.

---

<sup>11</sup> “Na tarde de 1º. de junho de 2016, mais de 3 mil sem-teto ocuparam as ruas do Centro da Cidade de Fortaleza/CE em defesa da moradia digna e contra a suspensão do Minha Casa Minha Vida Entidades. Em negociação com o Governo do Estado os seguintes acordos foram firmados: não promover a remoção da Ocupação Povo Sem Medo, situado do Bom Jardim; A CDH GABGOV receberá e encaminhará denunciar de atuação indevida das forças policiais e/ou milícias e o MTST, Estado e Prefeitura se reunirão no dia 15 de Junho de 2016, para tratar da demanda habitacional das famílias da ocupação povo sem medo.” (Postagem da página Povo Sem Medo Ceará no Facebook. Acesso em 04 de junho de 2016).

<sup>12</sup> “O CEDECA Ceará surge, cerca de quatro anos depois da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), a partir da articulação das organizações que atuavam junto a crianças e adolescentes na cidade de Fortaleza, tendo em vista a necessidade latente da existência de um centro de defesa de direitos humanos com enfoque nesse segmento social. À época, os direitos infanto-juvenis, consolidados na nova lei que substituiu o Código de Menores (Lei 6.697/1979), eram praticamente desconhecidos e vários órgãos instituídos pelo Estatuto sequer haviam sido implantados. A violência institucional contra crianças e adolescente, sobretudo aqueles que se encontravam em situação de rua, era uma das questões que mais afligia as entidades que atuavam junto a esse público. Nesse contexto, casos de violência policial foram os primeiros que bateram à porta da organização, juntamente com violações ao direito à educação e à saúde.” (Disponível em <http://www.cedecaceara.org.br/quem-somos/historico>).



Figura 05: Reunião do Movimento Cultural Ensaio Rock na sede da AMORBASE em 08 de julho de 2016. Foto postada no Facebook na página do Movimento na mesma data.



Há um processo de readaptação organizativa, de reforma do espaço da associação, de reflexão sobre as demandas do bairro, indagação sobre como mobilizar moradores e como sanar dívidas das gestões anteriores. As reuniões acontecem todas as quartas, das 19 às 21 horas e o Movimento considera a AMORBASE mais um instrumento de luta pela mudança social na Serrinha. As últimas reuniões do Movimento Ensaio Rock têm acontecido na sede da associação, tendo em vista a inexistência de um lugar cômodo para realização dos encontros semanais às sextas-feiras.

O Movimento Ensaio Rock em parceria com o curso de Serviço Social da UECE vem promovendo debates e rodas de conversa sobre a história do rock and roll, cultura, política, o que já rendeu alguns convites para mesas redondas em eventos promovidos pela mesma Universidade. Esse é um “processo interpretativo e reflexivo de suas práticas artísticas” (HIKIJI; CAFFÉ, 2013, p. 93). Realizou também, rodas de conversa na Escola Giulianna Galli na Serrinha, trabalhando textos de formação marxista, em especial de “sociologia crítica”<sup>13</sup>. Uma das últimas atividades posta em execução foi um “clube do livro”, com troca e circulação de livros entre os militantes dos movimentos sociais de juventude na Serrinha e demais jovens achegados. A leitura é variada, mas é predominantemente, literatura política, com um viés socialista. Professores e estudantes da UECE também participam ocasionalmente dos

<sup>13</sup> O texto trabalhado na roda de conversa foi “Sociologia Crítica” de Pedro Guareschi.

eventos promovidos na Praça e nas escolas do bairro. Há projetos de pesquisa e extensão em andamento e a Serrinha tem sido objeto de interesse na produção de conhecimento científico.

O Movimento Ensaio Rock executou várias ações culturais para o bairro. Um dos projetos mais recentes foi a instalação de um Conselho Cultural de Juventude que tem como principal função, promover sistematicamente, a unidade dos coletivos culturais do bairro, das mais variadas expressões artísticas. Há em andamento, o processo de planejamento de duas atividades: uma “Virada Cultural”, que reunirá em 24 horas, diversos eventos artísticos articulados pelos artistas locais e uma “Feira Rock”, com a exposição dos materiais de arquivos das diversas bandas participantes dos festivais de rock na Serrinha. Para a consecução desses objetivos, já estão preparando reuniões organizativas e ensaios. O objetivo é ocupar a Praça com acontecimentos de grande visibilidade e convocação. Esses jovens “(...) constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1996, p. 41).

Também apoiou a emergência da “Batalha da Serrinha”, atividade criada para contemplar os novos grupos de rap que estão sendo ativados por jovens MC’s (mestres de cerimônia), tanto na Serrinha como em outros bairros. Consiste na organização de um evento semanal realizado às quartas, das 19 às 22 horas, reunindo uma aparelhagem de som, com abertura do microfone para quem estiver disposto a mostrar seu trabalho autoral. O evento é gravado para documentar a produção do improviso dos enunciados criados em duetos de rappers. Ainda é um evento em processo de experimentação, insipiente quanto à sua organização e número de participantes.

Todas essas ações visam projetar a cena cultural local para a cidade mais ampla e formar um público “fiel” para as atividades da Praça. Ainda que haja concorrência entre os diversos estilos musicais, como o funk, o reggae, a swingueira e o rap, o “Movimento” aposta na fidelidade do público roqueiro, já que se quer formar uma nova geração comprometida não só com a qualidade da linguagem artística dos festivais e das bandas, mas, com o debate político sobre o direito da juventude periférica à cidade. A ideia não é a mera sobrevivência da cena roqueira na Serrinha, mas, o incremento de sua

vitalidade e de sua projeção para a cidade. “São formações de coletivos de enunciação que repõem em questão a distribuição dos papéis, dos territórios e das linguagens (...), sujeitos políticos que recolocam em causa a partilha já dada do sensível” (RANCIÈRE, 2009, p. 60). Ainda que a precariedade seja a marca de todo o processo, as inúmeras estratégias de burla dos impedimentos concretos à existência e continuidade das iniciativas roqueiras levam os agentes jovens envolvidos no Movimento Ensaio Rock, a ultrapassar o cotidiano microscópico dos encontros na Praça, na UECE ou mesmo nos ensaios domésticos, no “apertado do quarto” ou no quintal, para forjar um futuro ainda que provisório e incerto, tendo em visto as inúmeras precariedades materiais e organizativas.

O “Movimento” se recusa a pensar apenas nas ações imediatas, tentando vislumbrar “plataformas” projetadas para a consolidação da Praça como centro de fruição criativa das manifestações artísticas para as juventudes locais. O local aqui é um “projeto, é imaginado, cotidianamente inventado e reinventado” (COSTA, 2006, p. 12). A ideia também é fortalecer as iniciativas do próprio bairro, forma de defesa da territorialidade da Praça, tendo em vista o potencial disperso nas várias expressões jovens. A praça deve condensar então, a pluralidade das linguagens e identificações culturais possíveis e se constituir como espaço de comunicação e luta política. Militantes do Movimento Ensaio Rock apostam na consolidação e durabilidade da cena roqueira local, de uma permanente convergência de vontades, a despeito das adversidades encontradas para a continuação das ações. Os principais argumentos se sustentam na ideia do impedimento continuado de circulação das juventudes das periferias na cidade e as facilidades de comunicação/partilha de um gosto estético.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

COSTA, Márcia Regina da. **Culturas juvenis, globalização e localidades**. IN COSTA, Márcia Regina da & SILVA, Elizabeth Murilho da. Sociabilidade juvenil e cultura urbana (orgs.). São Paulo: EDUC, 2006.

DAPIEVE, Arthur. **BRock**: o rock brasileiro dos anos 80. 4ª. edição. São Paulo: Editora 34, 2015.

FELTRAN, Gabriel de Santis; CUNHA, Neiva Vieira. **Sobre periferias**: novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2013.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana; CAFFÉ, Carolina. **Artes da periferia**: conflito em imagens, música e dança. IN CUNHA, Neiva Vieira da & FELTRAN, Gabriel Santis (orgs.). Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KOWARICK, Lúcio; FRUGÓLI JR., Heitor (orgs.). **Pluralidade urbana em São Paulo**: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016.

LIMA FILHO, Irapuan. **Em tudo o que eu faço, eu procuro ser muito rock and roll**: rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza. Fortaleza, 2010.

MAGNANI, José Guilher Cantor; SOUZA, Bruna. **Jovens na metrópole**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MEDEIROS, Wilton. **Arte popular e política da estética**: imagens da metrópole. Goiânia: Habitus, v. 5, n. 1, p. 209-216. Jan/jun, 2007.

MOUFFE, Chantal. **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. **Bandas de garagem e identidades juvenis**. IN COSTA, Márcia Regina da & SILVA, Elizabeth Murilho da. Sociabilidade juvenil e cultura urbana (orgs.). São Paulo: EDUC, 2006.

PALLAMIN, Vera. **Cidade e cultura**: conflito urbano e a ética do reconhecimento. Revista Rua. Campinas, n. 18, vol. 2, novembro, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo, Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_ **A Partilha do Sensível**. Estética e Política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo, Editora 34, EXO experimental.org, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **A acumulação primitiva do capital simbólico**. IN JEUDY, Henri Pierre; BERENSTEIN, Jacques (orgs.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Tradução Rejane Janowitz. Salvador: EDUFBA,PPG-AV/FAUFBA, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.